

Livro

Nós e o nosso cão: Amar, Cuidar e Compreender

Provedoria Municipal dos Animais de Lisboa



E stá a pensar oferecer um animal de companhia? Antes de decidir responda a estas quatro perguntas. Na dúvida, o melhor será oferecer um livro sobre os Direitos dos Animais.

A razão para a integração de um animal de companhia no seio familiar deve ser bem ponderada. Não pode nunca ser movida por impulsividade, muito menos justificada pelo festejo de uma data celebrativa, associada à compra ou adoção de um bem material, como se é tentado no Natal.

A decisão do momento em que a família, ou a casa, terá um novo membro deve ser encarado como uma decisão irreversível e consciente das inúmeras implicações e mudanças que isso terá na vida de todos.

Para perceber qual esse momento, a sugestão passa por se fazer uma reflexão em conjunto, com os elementos da família, ou com um amigo, no caso de quem viva sozinho, onde as respostas a quatro questões, deverão preencher os níveis de aceitação por parte de todos.

Porquê?

Tente perceber a verdadeira razão, o motivo lógico e racional que leva a abraçar a presença de um animal de companhia no seio familiar. Deve procurar as respostas coerentes e lógicas, apelando muito mais à razão do que à emoção. Lembre-se: esta é uma decisão irreversível.

Como?

Pense nas suas rotinas familiares e perceba que impacto sofrerão com a chegada do seu animal de companhia. A divisão de tarefas, bem como a responsabilização do bem-estar deste (alimentação, idas à rua, cuidados de higiene, manutenção do espaço) devem ser planeadas e preparadas por todos, mesmo antes da sua chegada. Tenha ainda em atenção o período de férias: antecipe todas as condicionantes implicadas quer na opção de levar o seu animal de companhia consigo, quer na de o deixar em algum lugar seguro e que dê confiança.

Quando?

O momento da chegada, o timing perfeito para a concretização desta decisão, estará sempre diretamente ligado à fase em que se encontra a sua vida pessoal e profissional. Ter uma vida laboral extremamente ativa, com longos períodos de ausência, bem como a existência de filhos pequenos ou recém-nascidos, não impossibilitam a coabitação, mas implicarão de si, necessariamente, dedicação, esforço

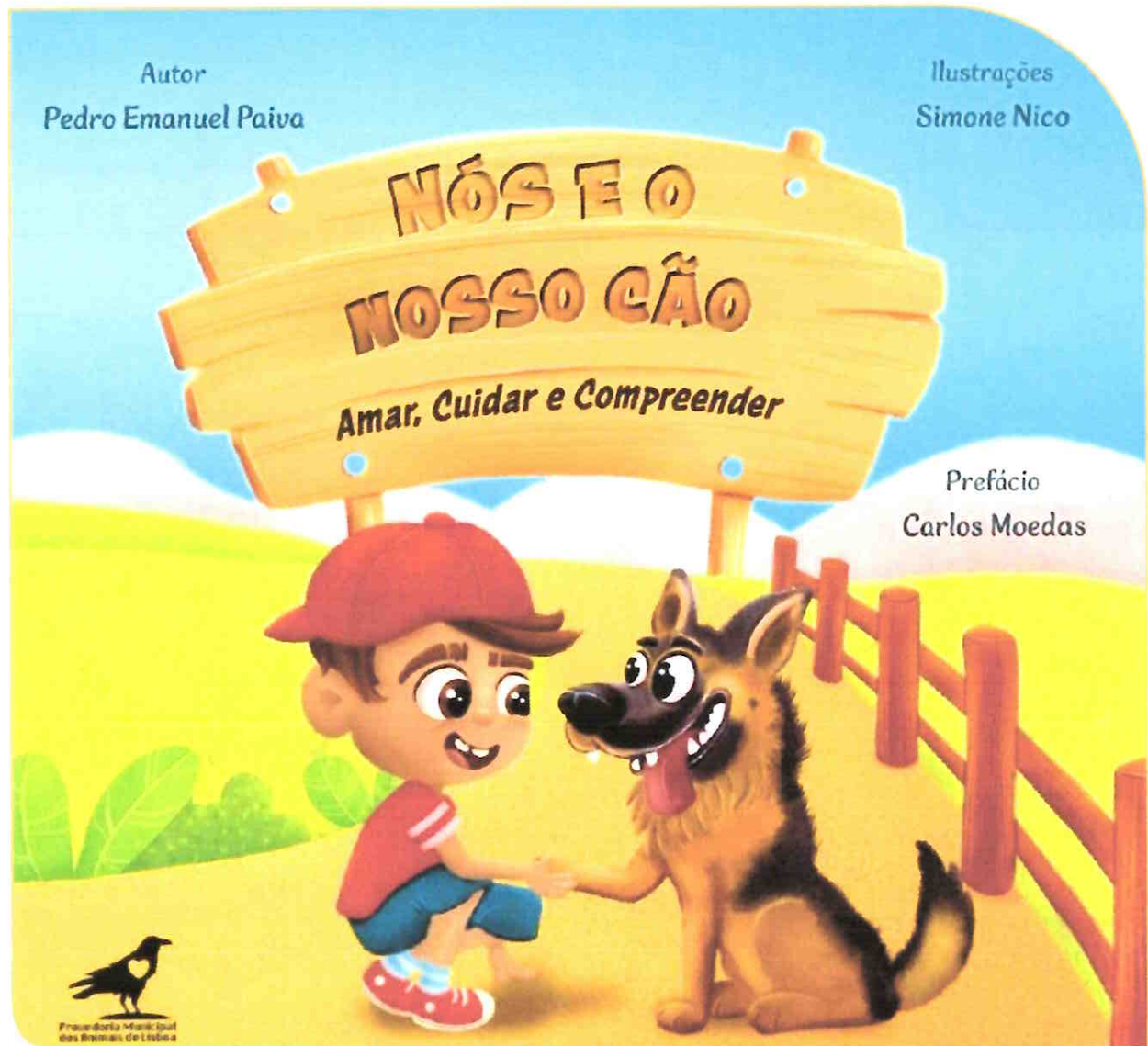
e conhecimento técnico de como deve gerir todas estes fatores.

Outro aspeto fundamental a ter em conta são os custos financeiros: cuidados médicos veterinários regulares são indispensáveis – podendo até surgir situações inesperadas neste campo –, tal como a alimentação própria, a aquisição de algum material pet e, em tempo de férias, a necessidade de recorrer a um hotel ou a outro tipo de instalações apropriadas para este fim que acabam por constituir um acréscimo ao orçamento disponível, ou seja, à sua carteira.

Onde?

Olhe em redor, procure perceber como ficará a sua casa quando tiver pelos e brinquedos espalhados pelo chão, como reagirá aos estragos domésticos altamente prováveis, ao cheiro característico de cada animal de companhia e às necessidades fisiológicas que poderá deixar pelos diversos cantos da casa. Está preparada? Está preparado? Perceba que espaço dispõe para ele, onde ficarão as suas zonas de descanso e de lazer – lembre-se de que esses espaços não devem ser confinados a uma pequena divisão –, e muito menos a uma varanda, com a desculpa de que é abrigado ou tem uma casota.

Questões centrais para trás é chegada a altura de recordar o que a análise social da pegada da adoção de um animal já nos permite concluir: a visão da coisificação dos animais, através do processo da sua apropriação irrefletida e momentânea faz parte de uma tradição ocidental completamente ultrapassada. A mesma que encara os animais passíveis de adoção (e outros subjugados a isso) como seres não-humanos, acéfalos, já



que se apresentam como incapazes de transmitir linguisticamente as sensações que experienciam, ou mesmo sem alma, que não sentem dor ou prazer. Nada mais errado. Os animais de companhia não são meros recursos de circunstância, onde a legalidade da propriedade destitui qualquer valor moral para com eles.

A fundamentação para a perspetiva instrumentalista e para a apropriação imoral de um animal de companhia,

como um ser não senciente, olhando-o como um mero objeto, deve ser pautada como uma conduta reprovável e cruel. Os desejos e os interesses humanos perante a posse não consciente e irresponsável de um animal de companhia, não se pode sobrepor ao princípio do tratamento humanitário para com todos os animais.

A integração, ou vulgarmente reconhecido como o processo de adoção, de um animal de companhia

tem de se basear na pretensão de todos acolherem e integrarem alguém no seio familiar. Alguém capaz de dar e receber afeto. Um ser vivo que vai estabelecer laços afetivos para toda vida. Só assim se respeita o animal na sua plenitude e só assim se tira o partido da companhia destes amigos para a vida, partilhando com ele Boas, e conscientes, Festas.

Pedro Paiva

Provedoria Municipal dos Animais de Lisboa